

Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão
- Rua Formosa, 43-CISSBOH



A PRINCEZA REAL DA ROMANIA E OS SEUS FILHOS

Assinatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno..... 4\$800 réis
 " semestre..... 2\$400 "
 " trimestre..... 1\$200 "

Assinatura conjunta do "Seculo", "Supplemento Fumoristico do Seculo" e da "Ilustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno..... 8\$000 réis
 " semestre..... 4\$000 "
 " trimestre..... 2\$000 "
 " mez (em Lisboa)..... 700 "



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do D^r Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPESIAS.

A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brasil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



A Phosphatina Falières é o alimento mais agradável e recommendado para as creanças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente na epoca do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos. Impede a diarrheia tão frequente nas creanças. **Paris, 6, Avenue Victoria e em todas as Pharmacias e boas Mercadorias.**

Ourivasaria "CHRISTOFLE"

Uma Só e Unica Qualidade
A Melhor

Para obtela e tambem
EXIJA-SE esta Marca



o Nome "CHRISTOFLE" sobre cada peça.

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e phisionomista da Europa

Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronamias, chronologia e phisiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA
 Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



GRATIS

125 machinas tallantes



De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **CASA SIMPLEX**.

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES
J. CASTELLO BRANCO
 Rua do Soccorro, 48 R. de Santo Antão, 32 e 34 LISBOA

A OBRA DE UM GRANDE PINTOR.

COLUMBANO



zendo de Londres o figurino sobriamente correcto das elegancias modernas — nem que a sobrecasaca monasticamente comprida que ao solitario de Valle de Lobos dava um tom lugubre de gato pingado saisse das mãos efeminadamente habilidosas do alfayate do marquez de Loulé.

Mas na figura de um e de outro qualquer cousa se destacava da banalidade ambiente: e para a soberania que dá a verdadeira superioridade de espirito nunca faltaram como resultado da admiração publica as adulações dos mediocres nem Damascos Salsedes em abundancia para lhes tomarem de assalto familiar o braço e dizerem á noute no Gremio entre duas tacadas ou no Martinho entre dois goles de chá: Dizia-me esta tarde o Hercula-

no... Creiam vocês que o Garrett... Homens e cousas de sempre! Conhecidos de vista de Eça Queiroz fallam-nos inevitavelmente da sua magreza e do seu monoculo e recordam com intimo orgulho certa conversa na Havanza em que o romancista, chegado n'aquella manhã de Paris, sublinhava os ditos picantes da ultima revista do boulevard. Qual dos amigos de Camillo

O prestigio dos grandes homens ainda aterra o bom do burguez. N'um seculo demolidor de tavola-rasa o espirito rasteiro ainda não abateu a papoula da Intelligencia que já no velho jardim de Numa se deveria erguer mais espigada e vermelha. Não são letra morta os pergaminhos que dá o genio. Não era precisamente sob um olhar de indiferença que ha dias eu vi passar pelas ruas de Lisboa — o sr. Guerra Junqueiro.

Subir ha bons cincoenta annos o Chiado «com o Garret ou o Hercula no ao peito» (na phrase pittoresca de então) não foi commettimento que passasse sem consequencias para o feliz mortal que tão bem floria a sua botoeira... Não era que o tufalismo rócócó do sublime cantor da Joanninha dos Olhos Verdes, esterlicado e espartilhado, de chinó e calças de ganga franzida, soffresse o confronto da linha impecavel de Palmella tra-





que tomado de tartarinesca miragem nos não conta hoje historias mirabolantes de endiabradas guerrilhas de caceteiros?

Et nunc... et semper! Hontem ainda o atrabiliario chronista d'um diario janota—o Soares Gordo—se dava tratos de polé, suando e soffrendo, para acompanhar em pleno Rocio no seu passo marcial, despenpado e britannico, o sr. Ramalho Ortigão.

E sempre a sua figura, o ar, o porte, o modo de andar e de sorrir, de olhar, de vestir e de saudar são o respeito dos grandes homens, o objecto das discussões, dos reparos, dos elogios e das criticas que a reportagem infatigavel e bisbilhoteira fixou em artigos e instantaneos de exportação barata.

Quasi se fala mais na sobreca-saca talamente rigida de Fontes

do que na conversão da divida publica, na sobranceria vagamente desdenhosa do Conde de Ficalho do que na sua obra de professor erudito. Para o espirito publico Latino Coelho antes de ser o auctor modelar da introdução que excede a oração de Demosthenes—era feio! De Marianno de Carvalho ficou o cigarro, de Antonio Nobre a capa hespanhola, do duque d'Avila—o cachenez. No sr. Fialho de Almeida, superior ao critico dos Gatos—ha o frequentador galhofeiro do Martinho. De Raphael

Bordallo a par da sua obra ficaram celebres as suas conquistas, o seu monoculo, a sua cabelleira, o seu dandismo.

De Columbano já não podemos dizer o mesmo. Ninguem mais modesto, mais apagado. Procura-se n'elle o artista, o homem celebre, as vaidades satisfeitas—e nada transparece do seurosto atristado, pen-



1—A mulher que vs. 2—Fructos de outomno
(Clichés de A. VONSECA)
3—A chavena de chá
(Photographia de COUTINHO)



Inez de Castro
Quadro pertencente ao Museu de Artilharia
(Cliché de ARNALDO FONSECA)

dido que a sua barba muito fina e muito negra ainda torna mais triste. Como que lhe turvam a vista excessos de movimento e de luz.

Banidas as exterioridades espectaculosas, Columbano, na sua figura como na sua obra, nunca procurou o publico. Este que o discuta, que o aprecie, que o censure ou que o louve... Elle sorri



na Avenida um perfil, que o lapis do caricaturista já tornou popular... Nunca ninguém o viu parado á porta da Havaneza, áquella hora super-chic, em que trens de rodas caoutchoucadas conduzem rapidamente as nossas mundanas da ultima colher de chá para a primeira colher de sopa... Nunca ninguém o viu nas tardes do Campo Grande ou da Avenida, no Marques ou no Tavares, em S. Carlos ou no Suisso. Refractario aos meios de elegancias pechisbeques, foge igualmente aos centros do intellectualismo—béra. Ha muitos annos que na cervejaria da Trindade, por entre o fumo de cigarros e um esvasiar lento de bocks, todas as noites joga em si-



lencio — o dominó!

Sem as apparencias berrantes de um janotismo abraziladamente ostentoso

ás criticas como ás adulações. Fala-se, grita-se em volta do seu nome. Movem-se em torno d'elle os constructores e os demolidores das reputções; fala-se, grita-se—e a caravana passa!

Columbano atravessa as ruas de maneira a não ser visto. Chanar por elle—é contrariar-o. Nunca ninguém o viu procurando a pose, as attitudes d'aquelles que se sabem admirados e porventura pavoneiam



1—Anthero do Quental. 2—Luciano Lallemand
(Clichés de ARNALDO PONSBUCA)
3—Jayme Batalha Reis
(Cliché de CORTINHO)

ou do falso descuído do *raté*, conservado por um capricho romantico, ao contrario de Alcibiades, que, adivinhando o reclame es-palhafatoso de hoje, não duvidára, para ser nota-do, de cortar a cauda do seu cão na praça publica. —Columbano, sumindo-se e esquivando-se nas ruas, só respira de descanço allivio, quando a meio do seu atelier se revê orgulhosamente nas suas obras com aquella mesma vaidade de Vulcano, que foi, como todos sabemos, o primeiro mestre de forjas.

Ali sim! No meio do seu mundo *d'elle*, das suas creações, Columbano pôde evocar as horas esplendidas do triumpho, em que o pin-cel, tocado de inspiração divina, concretisa soberbamente na tela a intenção impressiva do pintor. Mal entra no seu laboratorio—de som-brio torna-se jovial e de reser-vado faz-se communicativo.

E' que para Columbano Bor-dallo Pinheiro a sua arte é a sua religião, e, como os anti-gos crentes, elle vive recluso no sanctuario das suas devo-ções. E' que ninguém, por he-rança e por temperamento, é mais estruturalmente artista.

Faz arte pela arte, pelo di-vino prazer de crear, de re-produzir, de dar colorido, vi-da, força e luz á tela inanimada. Columbano é, pois, um obrei-ro da arte.

Esta é a impressão que re-salta logo de um exame circu-



lar e rapido ao seu atelier, illuminado e espaçoso, pe-jado de retalhos da sua obra.

Columbano é, de resto, o que eu posso chamar um *pintor de almas*. Na modelação saliente das suas figuras, que é um se-gredo de technica, ha uma ex-pressividade que domina in-tensamente a nossos olhos e indizivelmente resume a inten-ção, o pensamento, o caracte-r, um estado de alma. Assim creio eu ter exprimido a sensação poderosa de vida que emana dos seus quadros.

Se no homem não encontrá-mos as exterioridades de que blasonam os especuladores bar-ruhentos da celebridade, não procurem no artista o industrial bajulador e transigente para as exigencias do gosto burguez que á semelhança de Flaubert elle fulmina com mal contido rancor.

A verdade é o seu culto, a sua preoccupação, o seu destino. A expressão transmittida ás suas telas que se animam e vivem reflecte por vezes de tal modo a physionomia humana que no retrato de Anthero nós vemos o *illuminado* soberbamente desprendido do existente n'uma allucinação suprema e no perfil de Eça de Queiroz o mesmo vago sorriso de torturada ironia ou de desdem que estufava nos labios contraidos do mais perfeito dos prosadores.

N'uma ancia e tensão creadora que é todo um esforço brilhante de nervos, o re-



trato vai traduzindo uma a uma as feições do modelo n'uma reprodução anatomica flagrante que tem laivos de Rivera na esculpatura resequida de apparatus e disfarces.

Das multiplas qualidades de Columbano — do desenhador impecavel, do colorista sobrio, do cunho absolutamente pessoal de todos os seus processos de technica, da expressividade das suas figuras — nos falamos com suggestiva eloquencia os quadros que no seu atelier representam as diversas maneiras do artista, desde aquelle dia já distante em que Batalha Reis podia dizer a proposito de um quadro exposto á volta de Paris nas Bellas-Artes: Portugal possui emfim um pintor.

O seu laboratorio de arte é com effeito a melhor prova das nossas asserções. A correcção do desenhador completa-se por um escrupulo honestissimo evidenciado em toda a factura da sua obra. A obediencia disciplinar á luz escolhida, subordinando a ella rigorosamente um trabalho inteiro, sem preocupação de falsear a verdade pela vida *theatral* de apparencias mais vistosas é talvez mesmo pelo rigor com que é seguido um tal principio a razão do destaque assegurado aos quadros de Columbano. E no retrato, apesar de taes processos invariavelmente observados, luminosamente se impõe á admiração aquelle extranho poder de torturadamente transpôr para a tela uma expressão e um caracter como emotivamente o artista o comprehendeu pelo olhar, pelo sorriso, pelo gesto, pelo crispado de nervos, pelo simples contrahir de musculos...

E toda essa galeria brilhante de intellectuaes e de amigos nós a evocamos agora — como sendo na obra de Columbano os mais sentidos reflexos de vida traduzida pela linha e pela cõr.

E' logo a tela de João Rosa que a nossos olhos vem falar-nos na distincção de *gentleman*, do antigo apaixonado de mademoiselle de la Sèglière — a figura aristocratica do regio rival de Cesar de Bazan sorrindo na vaga bonhomia do cardeal

Gonzaga. Era o magnifico retrato de Taborada, desaparecido no naufragio de 1900, que na vibratilidade do olhar perdido a meio do mais pittoresco jogo physionomico nos recorda o mais legitimo dos interpretes de Molière em noites de passada gloria para o theatro portuguez.

E' toda a Lisboa intelligente do seu tempo que Columbano fixou na tela e ali se espelha na pessoa de todos aquelles que na sociedade occuparam um lugar frisantemente marcado: o retrato de Jayme Batalha Reis em que finamente se reproduz na agudeza do olhar a serenidade reflectida do critico; o inexcedido perfil de Rau Brandão em que a technica de Columbano realisa prodigios de equilibrada compostura na correcção delicadamente trabalhada das feições; Trindade Coelho que para a tela passou, trasmontantemente musculooso e sanguineo, illuminado o olhar d'aquella inquebrantavel e recta confiança que nos assombra; Augusto Machado, cuja cabeça finamente modelada no entrecruzar saliente das veias que lhe afloram e inundam o rosto é um estudo perfeito; João Chagas, n'um vago sorriso de ironia que lhe aclara o perfil intelligente; a sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro — a artista que no fabrico das rendas emprega o melhor do seu ta'ento e actividade — traduzindo expressivamente convicção e firmeza; a correcção fidalga de Ayres de Ornellas; a feição realista que se accentua no retrato flagrantemente colhido de João Barreira; o velho Luiz de Almeida e Albuquerque, na serena evocação de tantas cousas passadas; o perfil cançado e gasto de Luz Soriano; a mascarada popular do Valle; o conde de Amoso, elegantemente florida a botoeira, n'um sorriso



—O soldado
(Cabeça de estudo)
(Cliché de ARNALDO FONSECA)
2—O Outomno.—(Cliché de COUTINHO)

palaciano de affabilidade e gentileza; o fallecido e moço João Pindella, official brioso da nossa marinha, que positivamente no retrato de Columbano deixou a herança dos seus bellos olhos sonhadores e generosos.

A meio da sua obra, o pintor contempla assim enamorada e familiarmente recordações muito queridas. O *Santo Antonio*, o *Christo*, a *Chavena de Chá*, a *Morte de Ignez de Castro*, o *Velho do Restello* enchem o seu laboratorio de arte da velha fama dos triumphos passados. Morreram ou envelheceram—bem o sabemos—aquelles seus alegres companheiros do Café Leão que ali se encontram ainda no quadro de Columbano a perpetuar a memoria dos festins lautos da mocidade. Mas o artista de hoje vê consummados os processos evolutivos da sua technica, trabalhou, luctou, venceu — e para as telas que são *étapes* luminosas do triumpho elle conserva um enternecido culto e uma gratidão illimitada.

Ao contrario de Raphae Bordallo, que ás mãos cheias dispersou o genio multifor-me, Columbano concentrou na sua obra ponderadamente concebida o melhor dos dotes de que dispõe. Raphael era com Eça de Queiroz a mais poderosa organização artistica do Portugal do seculo XIX: homem de sala e homem de espirito, caricaturista, pintor, ceramista, esculptor, actor dramatico até, a sua vida decorre accidentada e varia, n'um turbilhão de festas, aventuras, lances, disputas, incertezas. Columbano é a personificação do methodo, da pontualidade, da exactidão. Raphael era quixotesco, irrequieto, ambicioso, meridional, exuberante, incorrigivelmente romantico. Columbano é modelarmente reflectido, prudente, meticuloso. A vida de Raphael chama-se *Lucta, Agitação*, n'aquella ancia demolidora dos que arcaram hombros a uma empreza de regeneração social, que varrendo preconceitos fradescos e litteraturices piegas, nos abrisse as portas ao espirito moderno. A vida de Columbano é a consagração a uma obra, patientemente, pertinazmente seguida, sem uma fraqueza, um desanimo, uma hesitação.

Aquelles dois irmãos prodigamente favorecidos ambos pela Natureza dos regios dons concedidos aos seus eleitos são bem no temperamento e intima essencia que os distingue a antithese um do outro.

Assim é que Columbano vive da sua obra e para a sua obra.

Como Diogenes que ao seu tonel limitava a noção do mundo exterior com as suas luctas e anciedades, torturas e embates, o mais philosopho dos Bordallos tambem reduz quasi aos seus labores de artista a sua vida social... A sua existencia é um exemplo perfeito de activo desvêlo amavelmente empregado na tarefa de pintor—o trabalho arduo de sobrepôr, no dizer de algum, pedaços de tinta a pedaços de tela...

Por isso a alegria infantil ás vezes até com que no seu atelier elle sorri á obra concluida. E apoz uma, outra se começa, n'uma infinda renovação de trabalho, que não pára, que não descança.

Santo Antonio de Lisboa
(Cliché de ARNALDO FONSECA)



O velho do Restello (Quadro em

poder do Museu de Artilharia)

Nos últimos mezes se tem Columbano occupado com incessante ardor na pintura agora quasi concluida dos quadros monumentaes que hão de ornar as paredes da sala do conselho da nova Escola Medica. São quatro enormes *panneaux* disposto em grupos harmonisadamente compostos os actuaes professores d'aquelle estabelecimento de ensino. As feições correctas de Miguel Bombarda, o olhar impetuoso e ardente de Bettencourt Raposo, a cabeça victorhuguiana de Oliveira Feijão, o perfil insinuante de Moreira Junior, a compostura cathedratice de Ricardo Jorge, encontram uma reprodução expressiva e exacta no pincel de Columbano.

E, para falarmos ainda d'esta obra em preparação, devemos accentuar a impressão admirativa que nos causou o projecto de decoração d'aquella sala. Não é, pois, só o retratista exímio: é o decorador tambem que n'ella tem jus aos reparos elogiosos da critica. Esse desenho finamente aguarellado é já por si uma deliciosa miniatura digna de figurar n'um museu.

Porque, na verdade, se ao retratista é que fica vinculado na historia da arte portugueza o nome de Columbano, elle não pôde ser apenas considerado n'essa feição.

Os seus notaveis recursos de pintor de natureza morta, evidenciados nos *Fructos de outono* e outros quadrinhos do genero e, em especial, soberbamente affirmados no novo e característico *panneau* expressamente pintado para o Café Leão, são eguaes manifestações de uma natureza artistica ricamente dotada.

Não passou despercebida tambem, como esporadico mas luzente meteoro, a sua notavel collaboração na baixella Barahona em que um capricho incitou Columbano á modelação esculpturalmente primorosa das figuras dos Faunos que a execução inexcedivel das officinas

Leitão tornou depois em um dos mais levantados padrões da ourivesaria nacional.

Esta é a figura do artista que as linhas mal esboçadas que a nossa admiração lhe oferece pallidamente tentaram descrever.

Quem assim por tantos titulos honra a sua patria, bem merecia outros galardões de governos mais escrupulosamente ciosos das glorias authenticas do paiz. Mas ahi desde Camões amparado apenas no seu glorioso infortunio ao braço amigo do Jau, que o reconhecimento ainda não entrou no numero das virtudes civicas portuguezas.

O artista consagrado pôde contentar-se da satisfação que lhe dá o orgulho do seu trabalho. A sua maior inveja—tem-m'o dito muitas vezes—é não poder imitar a actividade de força de Rubens que o entusiasmo de Eça de Queiroz vindo de Anvers lhe descreveu—pintando diariamente um quadro.

Columbano (dissemolo já) apenas vive—quando pinta. E é de vê-lo com effeito, mãos á obra, na felicidade radiante em que o illumina o trabalho realiado. Que ancia torturada de verdade a sua que para o retrato quer transpôr a propria alma humana pelo soffrimento, pelo orgulho, pela ironia, pelo prazer e pelo amor! Um quadro do *pintor d'almas* pôde dizer-se que é o dramatico problema de uma consciencia. Na allucinação que o deslumbra eu creio bem que as formas se lhe confundem no cerebro vagamente atordoado. E feição a feição, traço a traço, musculo a musculo, a figura creada move-se, pensa, gesticula, fala...

E' bem elle o pintor sonhado de Edgar Poe que symbolicamente viu morrer o modelo querido, depois de lhe arrancar para a tela—a sua propria Vida!

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA.

FAS ECLOGAS PORTUGUEZAS PREMIADAS

NOS JOGOS FLORES
DE SALAMANCA

ECLOGA (DO SR. MANUEL EUGENIO MASSA)

(FRAGMENTO)

FRONDELIO

«Andar-me de continuo em pensamento
Que nunca em vida te hei-de possuir
E' este o meu mais duro soffrimento.

Já não posso cantar nem posso rir
Desde que fui perdendo a longa espraça
Que poz tão longo tempo em me illudir...

Desde que sei que a tua negra trança
Aquella não será onde eu me esqueça
Das fúrias deste mar que tanto cança!

Não será tua a voz que me adormeça,
Que me embale de amor nem no teu collo
Chorando pousará minha cabeça!

Onde irei procurar o olhar que ermolo?
Que outr'alma gemea, ó alma, ha-de escutar-te,
Que outros afagos me darão consolo?...

Se tu me vens seguindo em toda a parte,
Se só contigo eu encho todo o espaço,
Ancia de luz que Deus por mim reparte,

Se quando alguém contra meu peito enlaço
Julgando t'êr alguém, accôrdo vendo
Que é só a tua sombra o que eu abraço?

Na mente amarga historia revolvendo
Com taes versos Frondelio, moço arido,
O tronco d'um loureiro ia fendendo,

Quando Umbrano, pastor encanecido,
Guardando o seu rebanho veiu perto
Donde elle estava, amigo conhecido,

E dos versos tocado e desconcerto
Que o gesto de Lemano traduzia
Desta sorte falou o velho experto:

UMBRANO

Quem h'ora só que seja em ti confia,
Amor servil, mal sabe quanto erra
E quanto é vã no mundo tal porfia:

Vês tu Frondelio amigo aquella serra
A's nuvens tão chegada que parece
Que a vista para vê-la se desterra?...

A chuva com que o ceu nos favorece
Ali se junta e por occultas vias
Depois a varias fontes abastece;

D'alli as veias partem fugidias
Que, engrossando nos valles de corrente,
Movem azenhas, regam pradarias;

Toda a grossa caudal ou vil nascente
Que vae manando aqui nos arredores
Todas são filhas d'este monte ingente;

No nosso errante officio de pastores
A sêde quantas vezes não n.atamos
Nas fontes destes campos e pendores:

Umás á sombra dos frondentes ramos,
Ouvindo os melros na folhagem alta,
Dando trégua ás canceiras que levamos,

Outras na agua viva que resalta
Da fenda entreaberta num rochedo
Em cêrro aonde a arvore nos falta;

Mas, por mais protegido de arvoredô,
Por desnevado que da rocha o pranto
Tombe sobre a lisura do lagado,

Ha hi alguma que nos saiba tanto
Como a que nasce além na nossa aldeia.
Que tenha para nós o mesmo encanto?

Qual tão limpida treme sobre a areia
Como a agua da fonte da Samella?
Qual de tão frescas faias se rodeia?...

Lá fui de pequenino já bebêl-a,
Pelas tardes lá fui levar meu gado,
Quando bem pouco me afastava d'ella,

Lá vejo ainda o freixo que entalhado
Já foi por minhas mãos e o êcho escuto
Do meu primeiro beijo a furto dado.

Como tudo vae longe d'este luto,
D'estas nevoas fataes da minha idade
Em que á morte pagamos o tributo!

Por isso é que eu te bebo com vontade,
O' agua entre as mais aguas saborosa,
O' fonte murmurante de saudade!

Cada estancia, Frondelio, cada cousa
Cada pessoa que conosco lida
Por vulgar a teremos ou preciosa

Conforme a parte de alma que na vida
— Attribulada e trépida romagem—
Nós deixarmos por ella repartida.

Conforme em si retrata a nossa imagem
Assim o nosso amor ha de crescer
Do rio d'esta vida em certa margem.

Cuidas amar alguém, mas na mulher
Que beijas inflamado em cego ardor
Amas somente a sombra do teu ser,

O teu sonho incarnado em riso e côr.
Nós s'omos os amantes de nós mesmos
E o amor proprio o verdadeiro amor.



ECLOGA (DO SR. M. CARDOSO MARTHA)

(FRAGMENTO)

ANTINO

Elisa, que por meu mal meus olhos viram um dia é a causa natural da minha melancolia. E' ella a causa, e não al; cego eu fôra, essa manhan que me trouxe á sua beira; em que a vi, tão folgasan, tão contente, tão ligeira no seu vestido de lan.

Depois que nos meus poisaram os seus olhos cristalinos, meus olhos desinquietaram e sobre mil desatinos o socego me levaram; comecei de a procurar num cuidadoso desvario para a vêr e lhe falar, como o cervo busca o rio e o rio procura o mar.

Como a vi, e lhe falei, mil annos que ainda viva nunca mais esquecerêi; nessa hora fugitiva de todo me capturei; capturei-me dessa graça que mostrava, desses olhos dum clarão que nos trespassa, que me antolharam abrossos e foram minha desgraça.

Agora me estou lembrando e julgo-me estar a vê-la o vestido arregaçando um dia que dei com ella numa ribeira lavando; senti dentro a mocidade accender-se em viva fragua, e digo-te na verdade: fiquei com inveja á agua que a beijava á vontade.

Vendo-a assim, não pude ter-me e mostrei-me resolutto entre o cannavia!; ao vêr-me deu um grito, e a sitio enxuto se partiu, tímida e inermes; co'a assustada ligeirêsia a roupa foi-se-lhe embora rio abaixo, em correntêsia,

e de todo se lhe fôra se eu lha não trouxera prêsa.

Logo, chegando-me á beira de agua cai de giôlhos, e na linda lavadeira postos meus cansados olhos, assim falei: —De maneira, Senhora, que não contente em me tirar o repouso, me fugis continuamente, levando-me a vida, e o gôso de ter-vos hoje presente?

Lembrai-vos, que pela espera de algum bem, que doutrem venha, muita gente desespera; o vosso olhar me desdenha? pois volta-lo a mim quisera; para vos ter, supportára aguas, sóes combates rudos, altas façanhas provára. e até os penhascos mudos á minha causa ganhára.

Se me fugisses agora á vida pusera fim, que de ha muito em cada hora vivo p'ra vós, não p'ra mim, da minha vida Senhora; minha ventura, offerecê-la vos desejo em holocausto; já agora vivo sem ella, tanto está um corpo exausto acostumado a perdê-la.

Não espereis sob o meu tecto abastanças encontrar; pobre sou, e um puro affecto só tenho para vos dar e outra coisa não prometto; seja pois a minha sina de fêra e desnecessaria pela vossa mão benigna hoje mudada em contraria, que Amor assim determina.

Estas e outras semelhantes razões, de dentro lhe disse; pensou ella alguns instantes, ou convencia, ou que ouvisse o que nunca ouvira dantes; e a trouxinha sobraçando pela agua fôra rompeu os vestidos concertando, e destarte discorreu a fina fala soltando:

— Como folhas resequeidas
leva as palavras o vento;
e as dos homens são fingidas,
afirmadas um momento
para logo desmentidas;
mas ouvindo as vossas, nellas
vejo um accento de verdade
que me inclina um pouco a crê-las;
vou por vossa lealdade
não vades contradizê-las.

Em mim vereis, se assim fôr
natural correspondencia,
pois dar amor por amor,
é caso de consciencia
não esmola, nem favor;
e aqui vos juro, antes de ir-me:
emquanto em vossa lembrança
ordenardes vêr-me' e ouvir-me,
não me vereis em mudança
senão cada vês mais firme.

Isto disse, e mal sorriu
entre esquiua e desejosa;
logo um rubor lhe assubiu
com que as faces côr de rosa
de mais viva côr tingiu.
Não lavou mais esse dia;
longo tempo praticámos
no que o assumpto pedia,
e quando nos afastámos
já o sol se despedia.

Mais de um anno visitei
o casal onde morava;
quanto mais ali voltei
mais o coração ficava.
Como isto foi, não no sei;
mas porque tive intendido
por tudo quanto fizemos
nosso natural sentido,
de que um p'ra o outro nascemos
quedei-me alfim convencido.



Parece-me ainda ouvir
dôces praticas que tínhamos;
de mãos dadas ao partir,
o triste era o despedir;
que embora no outro dia
eu voltasse a vêr Elisa,
sempre a nós nos parecia
não mais nos vermos, de guisa
que um e outro entristecia.

Em qualquer descamisada
na eira della, ao serão,
fazia sempre encontrada

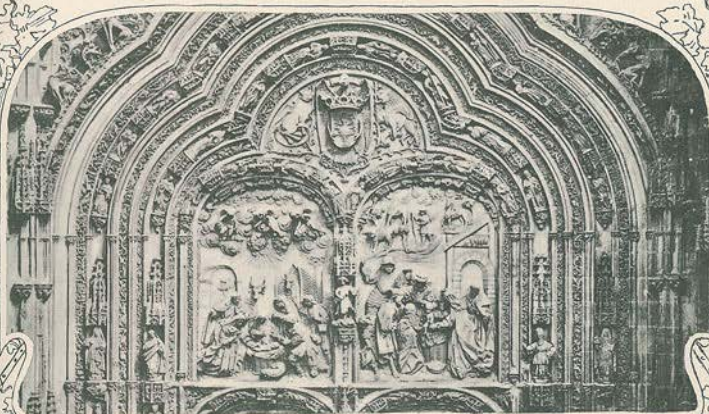
(levando-a já no çurrão)
alguma espiga encarnada;
depois, sem mais embaraços,
corria todas em roda
entre beijos e abraços,
e indifferente á roda toda
vinha cair-lhe nos braços.

Hortas, pomares, seáras,
vinhas, bosques rumorosos,
crusámos por manhans claras
desses passeios seudosos
tenho saudades amáras;
nos arvoredos do valle
o nome della entalhando
por lá andei, e cada qua
doces flautas recortando
nas cannas do cannavail.

De fôrma, que se tu fores
algun dia por ali,
entre a relva e as lédas flores,
e te alembrares de mim,
d'ella, e dos nossos amores,
sentirás o que sentimos;
ha de segredar-te a brisa
os beijos que repetimos,
e verás o rosto de Elisa
nas aguas onde nos vimos.

Quantas vêses se perdeu
commigo naquella serra!
Quantas vêses, emquanto eu
punha os meus olhos na terra
vi nos seus olhos o ceu!
Ah! malfadada ventura
que tão cedo me tornaste
est luz em noite escura,
e em meu coração cavaste
regelada sepultura!

.....



Detalhe da porta principal da cathedral de Salamanca



1—Na barguinha do «Republique»: Os officiaes victimas do desastre do dirigivel francez, momentos antes da ascensão (Cliché BRAS'JER)

A catastrophe do *Republique*, rebentando no ar, custando a vida dos seus quatro tripulantes, despertou um commovido movimento de pesar em todo o mundo civilisado. A poucos dias de todo elle applaudir, entusiasmado, o definitivo e indiscutivel triumpho da conquista do ar, simultaneamente



impunemente que se conquistava o dominio do ar. E' verdade. Nunca o homem arrancou qualquer victoria á natureza sem a pagar duramente. Houve sempre victimas para expiar todos os triumphos da sciencia e do pensamento. Sempre foi glorioso, porém, fazer parte do seu numero, e ainda hoje poucas glorias poderão ser consideradas tão puras como essa.

2—O torneio de tennis do Porto: Os srs. Alberto Kendall e Romuald Rud, campeões do norte de Portugal (Cliché CASPICO)

3—O cardeal patriarcha da Irlanda e os prelados inglezes, que ha pouco visitaram Lisboa, na Legação da America (Cliché de MENOLIEL)





(Trichromia de FREDERICO BUENDIA)

EFFEITOS DO LUAR NA PRAIA D'ANCORA

(Cliché do Sr. JOÃO D'AZEVEDO)

OTRIMPHO DA AVIAÇÃO

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DE APPARELHOS DE VÔO



Está actualmente aberta em Paris a primeira exposição dos meios de transporte aereo, e comprehende-se o interesse que semelhante certamen desperta depois do triumpho definitivo do aeroplano e do balão. A photographia que reproduzimos representa um aspecto geral da exposição, realisada no salão de Aeronautica
(Cliché de ROYER)

O PRINCIPE CARLOS DA ROMANIA EM LISBOA



Oriente, uma lingua neo-latina irma da nossa, e que apesar d'isso tao pouco conhecemos.

A historia da Romania, que é, aliás, uma historia de nossos dias, merece, contudo, ser lida, pela serie de impressivas lições, tanto politicas como economicas e sociaes, que contém. Do mesmo modo, a vida da sua côrte pode ser tomada como modelo e exemplo por quasi todas as casas soberanas da Europa.

Os homens de estado romanicos, depois de terem perseguido e realiado o ideal da independencia do paiz, conseguiram, á custa de persistentes esforços, obter a constituição do reino actual. Desde 1866 que a Romania constitue uma monarchia constitucional, de que foi eleito principe reinante, por um plebiscito, Carlos I, da casa de Hohenzollern; mas o principado só se tornou reino em 1881, sendo então proclamado rei, pelo voto unanime dos representantes da nação o principe que commandára victoriosamente o exercito românico durante a guerra românico-russo-turca de 1877 e 1878.

O actual soberano nasceu em Sigmaringen a 20 de abril de 1839, sendo filho do prin.



1—O Principe Carlos da Romania, filho mai. velho do principe herdeiro. 2—O Principe Real da Romania

Appareceu já nos jornaes a informação de que deve visitar Lisboa brevemente o joven principe Carlos da Romania, filho do actual herdeiro da corôa e seu legitimo successor. Apropria-se, pois, o enseo para darmos aos leitores algumas noticias a respeito d'esse pequeno e interessante paiz das margens do Danubio, que fala, no



3—O rei Carlos da Romania e seu neto o principe Carlos



4—A rainha Izabel da Romania (Carmen Sylva)



—A princesa Maria e o príncipe Carlos em o traje casuais
 príncipe Carlos António Hohenzollern, e da princesa Josephina de Bade. Em 13 de novembro de 1859, o então príncipe reinante da Romênia casou com a

ronata pelas universidades de Beradest e de S. Petersburgo e que todo o mundo literário conhece e admira, sob o pseudonymo de Carmen Sylva.

Não havendo herdeiro directo do throno foi reconhecido desde 1859, como successor de Carlos I, seu sobrinho o príncipe Fernando Victor Alberto Meierad, nascido em Sigmaringa a 24 de agosto de 1853. Este príncipe é neto de príncesa D. Antónia de Portugal,



—A Princesa Real e os seus filhos em trajes populares românicos
 —A Erzsak (rainha da Romênia)

e, portanto, primo do nosso monarcha.

O príncipe Carlos Carol, que ven agora visitarnos, é o primeiro filho do casamento do príncipe Frederico com a princesa Maria de Saxe Coburgo e Gotha. Nasceu no castello de Plessch (Silesia) a 3 de outubro de 1863. Conta, portanto, 16 annos exactos.

A familia real da Romênia goza de uma extraordinaria sympathia geral, com justo motivo, pelas excepçoes quaeslides de gentileza e amabilidade que distinguem todos os príncipes. E' sabido que a rainha, uma escri-



—A princesa Maria e o príncipe Nicolau
 —A Princesa Real e seus filhos, príncipes Maria e o príncipe Frederico, vestidos em trajes populares de Romênia.
 —A Princesa Maria e seus filhos em vestidos
 —A rainha e o príncipe Carlos

quiritadã especulativa do genio latino todos pela sua familia que tão honrosamente representa no Oriente. O rei, cabido de pura virtuosidade, é, além d'isso, o prí-

ncipe de superior merecimento, e um artista convicto e sincero, ao mesmo tempo que um espirito verdadeiramente superior, disposto de todos os preconceitos mesquinhas, se comparez de preferencia no convivio com os homens de letras do seu país e acolhe com a maior liberalidade, dispensando-lhe incondicional favor, todas as manifestações intellectuaes que, de uma forma benignamente brilhante, revelam a

metro proprietario rural, o primeiro lavrador, do seu país. O desenvolvimento da agricultura românica, que é a face de revolta inicial da Romênia, deve-se sobretudo ao incentivo do seu exarado e é filho de administração cuidadosa e scientificamente do dominio da corôa. Por sua vez, Carlos I procura e convivia com homens que se de-



dicam: é terra, diz que a terra valendo como pela sua dedicaçao e pelo seu trabalho, tornando assim rica, forte



princesa Elisabeth de Wied, — que é aquella mesma intelligente e talentosa princesa feita doutora ho-

e progressiva. O príncipe real e a esposa são queridíssimos do povo, pela sua graça, pela sua bondade, pela sua vida simples e feitiço desprendido. O jovem príncipe, de que Lisboa vai receber a visita, é uma esperança nova dos grandes dias do futuro prometidos legitimamente a um povo que trabalha sob a égide de tão nobres e gloriosos príncipes, que, como

elle, se inspiram em um afervorado desejo de progresso e no culto apaixonado da liberdade, os dois sentimentos que é indispensavel serem cultivados pelos povos, para se desenvolverem, e pelos reis, para se engrandecerem.



- 1—A princeza Maria em traje de côrte
- 2—A princeza real da Romania com o traje romanico
- 3—A princeza real da Romania de uniforme

O ACTOR JOÃO ROSA




Na arte dramatica, como nas demais modalidades da arte, o artista, relativamente aos processos de conceber e de executar, é caracterizado ou pelo arbitrio dos impulsos, ou pelo rigor inflexivel d'uma orientação cuidada e disciplinada. Os primeiros, contando na sua nobre estirpe individualidades de respeitavel estatura, joeiram todos os motivos pelas variantes innumeraveis do temperamento. D'uma volubidade neurasthenica, preferindo tudo o que não teem a tudo que teem, saltam da concepção ou da effectivação d'agora para a de instantes depois, com o facil descuido d'uma ave de gaiola saltando de poleiro para poleiro. Choram, riem, caminham com magestade e orgulho ou cambaleiam como ebrios, são a imagem convulsionada da colera, ou a passividade do desalento sob circumstancias semelhantes, até sob circumstancias identicas, segundo as insinuações do gosto caprichoso do momento.

Os segundos representam o equilibrio permanente do pensamento e da acção. Antes de executar applicam a vista, o ouvido, o raciocinio, e analysando, medindo, comparando, á maneira do engenheiro a seguir ao estudo do terreno a que foi chamado para traçar uma estrada, abrem diante de si o horizonte fixo em que hão de desenvolver-se e actuar as suas energias. Estes são os scientificos, os que subordinam o temperamento, a força viva das qualidades nativas, a um methodo determinado, á bitola rigida das exigencias de interpretação historica, philosophica ou local. Acima do impulsionismo desordenado e viril, capaz da realisação genial, elles collocam o intuito sereno e meditado que redundará na consciencia exacta da situação na firmeza inalteravel do movimento.

Ao numero excessivamente escasso entre nós, dos artistas que enfileiram na arte moderna dos scientificos



1—Rosa Pae e João Rosa aos 20 annos
2—João Rosa (Retrato, pelo illustrador Columbano, premiado com medalha de ouro na Exposição de Paris)
3—João Rosa no Luiz XV



cos, pertence a figura festejada do actor João Rosa. E João Rosa, como Zacconi, como Antoine, provam exuberantemente que o respeito pela regra preestabelecida, pelo estudo reflectido e calmo, não obliteram nas organizações perfectas a faculdade de exteriorisar emoções, entusiasmos, branduras enternecidas, angustias e rebeldias exigidas pelas situações ou pelas personagens a interpretar. Porque, segundo o processo d'estes artistas, o actor não se substitue ao auctor. O interesse, a commoção dos seus papeis n'um drama ou n'uma comedia, reproduzem a intensidade comica ou dramatica que o auctor lhes communicou, ao dar-lhes forma e expressão.

O actor tem a fazer pouco mais do que reflectir a irradiação suggestiva d'essa intensidade. Para

isso ha de sentil-a, vivel-a, diluir nas suas linhas essenciaes os contornos da propria individualidade, rir e chorar como ella ri ou chora — e assim consegue reconstituir aos nossos olhos, com accentuado rigor logico, a astucia sanguinaria de Luiz XI, a loucura sombria do Hamlet, ou a ingenuidade calculista d'aquelle senhor prior, que, nos *Velhos*, tão zelosamente recrimina as inclinações da Emilinha pelo hereje que despertou o seu

coração para o amor, e os silencias primitivos da freguezia para o odioso resfolegar dos engenhos de Satanaz. Submettido a esta concepção da *arte de representar*, parece que o actor se reduz o proporções automaticas, a uma estreiteza d'acção impessoal e mechanica — mas essa impressão de automatismo, de estreiteza impessoal logo se desvanece, se calculamos as fadigas, o dispendio de tempo, de vida nervosa e intellectual, o poder de visão historica e psychologica a que tal concepção corresponde.

João Rosa, tomou por esse trilho, difficil mas seguro, logo ao iniciar a sua luminosa carreira. E desde as primeiras palmas, recebidas do publico do D. Maria, nos *Fidalgos de Bois Doré*, até á acclamação ruidosa e vehemente dos seus vastos recursos theatraes na ultima *melempychose* a que



João Rosa na *Griseha*



o palco
o obri-
gou, nas
*Foguei-
ras de S.
João*, elle
foi o cam-
minhan-
te que
percorre
todas as
latitud-
des, to-
das as
tempera-



dições e
do seu
sangue
do que
um der-
viche
dosman-
dament-
os do
Alcorão,
revive o
aprumo
aristo-
cratico
dos ba-
rões feudaes em plena dymnastia carlo-
vingia. Desejava elle que o filho o sub-
stituísse na interpretação do orgulhoso
marquez — ao que João Rosa se escusa
obstinaadamente. Tempos depois da morte
do pae, em homenagem á sua memoria,
resolve fazer o que justos melindres lhe não
permittiam tentar durante a sua vida. E
estuda o papel, calcando-o sobre os moldes
primitivos, no desejo de não alterar n'uma
simples linha a criação do que fôra seu
desvelado mestre. Na noite do primeiro
espectaculo aproxima-se
d'um espelho, já vestido e
caracterizado, — e tem a im-
pressão de que vê surgir
deante de si o proprio pae,
prompto a caminhar para o
palco. Recua um
pouco, pergunta a
si mesmo se conse-
guirá pela palavra,
pelo gesto, pela ex-
pressão o mesmo
que conseguiu pela
caixa das tintas e
pelo guarda-roupa
— e decide, com fir-
meza, que para isso
seria preciso conse-
guir tambem a re-
surreição
artística
do pae. E'
sob o po-

turas do sentimento, desde o frio polar
da indiferença á ardência exhaustiva ou
fecunda do amor, sem esmorecimentos, sem
hesitações. Aquellas primeiras palmas, colhi-
das n'uma epocha em que o romantismo, de-
clamatorio e convencional, ainda dominava,
proporcionaram-lhe estímulos que absoluta-
mente o integraram na corrente moderna e
renovadora da arte dramatica.

Enterrece, ouvi-lo evocar, com a suavidade
mystica d'um eremita que relembra-se o pri-
meiro ravor do céo, a alegria e a confusão que n'essa
noite o alvorçaram.

Representava uma scena a sós com a apaixonada
e dominadora actriz Manuela Reis, no segundo acto
dos *Fidalgos de Bois Dore*.

Era o galã da peça, um artista medieval a cujo
olhar se prendera o destino d'uma linda e sonhadora
castella. O que João Rosa seria como galã em plena
e fresca juventude, só o poderão imaginar os que o
viram remoeçar, em cada novo papel, como as arvores
em cada abril, depois do outomno dos cincoenta an-
nos. Ao terminar a scena, sujeitando-a á interpreta-
ção mais natural e mais simples, o publico manifes-
tou-se, chamando-o pelo seu nome, n'uma ovação
viva e carinhosa. Ficou mais surprehendido do que
se lhe mostrassem desagrado. Tão habituado estava a
repetir-se aquelle papel e aquella scena, com a mesma
singeleza, com a mesma verdade, que já se lhe repre-
sentavam d'uma trivialidade fóra de louvores.

O desenho fiel da phrase e da intenção encontra-
vam-se com a sympathia da platéa. De maneira que,
d'ahi em diante, a suprema aspiração do artista gira
entre a reconstituição do pensamento do dramaturgo
e o maximo possivel de verdade e de clareza no seu
recorte plastico — aspiração a que sacrifica paços
de eminente relêvo, só porque as suas qualidades
physicas, aliás superiores, se lhe afiguram, por exem-
plo, em discordancia com a solidez pesada da archi-
tectura que o estudo da historia ou a observação da
vida lhe insinuava no personagem a encarnar.

João Rosa transpõe mesmo os limites do exaggero
na transigencia com os escrupulosos profissionais. Um
facto basta para o demonstrar: — o actor Rosa, pae,
tinha uma das suas mais altas creações no *Marquez
de la Seigliere*, de Julio Sandeau — comedia de engre-
nagem moderna e de forma antiga, finamente humo-
ristica, em que o vulto do marquez, fidalgo res-
ta do primeiro imperio, altivo, egoista,
caçador audaz, mais cioso das suas tra-



1—João Rosa no *Abade Constantino*
2—João Rosa nos *Velhos*
3—João Rosa no *Ajageme de Sanjarem*

der suggestivo d'esta decisão que entra em scena—o que, se não lhe abalou os creditos bem firmados, concorreu para que o Marquez de *Seigliere* não seja contado no activo opulento das suas grandes provas.

Ao iniciar a carreira theatral João Rosa levava consigo as responsabilidades d'um nome festejado—o de João Anastácio Rosa, o Rosa, pae, que fez o seu prestigio de triumphos alcançados ao lado de Antonio Pedro, Tasso e Santos Pitorra. Compreendeu a necessidade de honrar as responsabilidades herdadas, estimulando pelo exemplo outro ramo do seu sangue, Augusto Rosa, que havia de ser uma das individualidades de mais brilhante destaque na scena portugueza, com recursos para a celebridade além do seu paiz, se as circumstancias não marcassem a lingua portugueza o ambito acanhado das suas fronteiras. E tão fidalgamente encarou a sua situação, entre o irmão e o pae, que nem desmereceu da popularidade d'um, nem provocou ao outro incertezas ou desanimos. Aproveitando o seu enorme poder de adaptação aos escrupulos com que esquadrihava, no fundo sereno ou revoltoso dos typos as particularidades caracter-



João Rosa no *Luz A.*

ísticas e dominantes, com mocidade e paixão que mesmo depois dos cabelos brancos alvoreciam cada noite com a graça e o ardôr dos primeiros tempos, foi actor na tragedia profunda e nevoenta de Shakspeare, no drama amoroso de Augier como na comedia rendilhada e subtil de Marcellino de Mesquita ou de Julio Dantas.

Estreou-se na peça de Cezar de Lacerda, *Jóias de Familias*, no theatro S. João, do Porto, no dia 13 de novembro de 1862—a primeira affirmação de que sabia impôr-se e dirigir o temperamento. Um artista, um nervoso, passa por cima dos temores surpeticiosos de raça entrando na vida sob a influencia fatidica d'um dia 13. Do Porto vae a Braga, trabalhando no S. Geraldo, e depois a Coimbra, ao antigo theatro de D. Luiz. Este noviciado atravez da scena da provincia serve-lhe de preparo, exercita-lhe a memoria e a voz, a attitude e o movimento, familiarizando-o com o á vontade indispensavel, para a entrada immediata nos palcos onde o pae consagrara o seu nome. E é assim que a sua estreia em Lisboa se faz a seguir, no theatro de S. Carlos, no drama *Victor III*, de Victor Sejour. D'ahi transita para o theatro D. Maria—e toma de vencida, n'essa mesma época, ruidosa e definitivamente, o publico do D. Maria, de tal forma que lhe cabe logo substituir Santos Pitorra no papel de Borage, no drama historico *Primeiros amôres de Bocage*, de Mendes Leal.

Desde essa hora de felicidade o theatro abre-se-lhe nas mais francas e animadoras compensações. Aparece depois no Trindade, onde trabalha durante dois annos, do Trindade transfere-se para o Gymnasio, e volta ao D. Maria, um anno decorrido, seguindo-o sempre o interesse, a sympathia, o enthusiasmo que lhe assignalam os passos até á despedida da scena.

As personagens que interpretou no decorrer de trinta annos, reunidas em conjunto, uma por uma, formavam uma galeria animada, um museu estranho de edades diferentes e de diferentes raças em que os reis, os principes de luzente espada e gesto altivo alternavam com namorados românticos, de olhar cheio de esperança ou de face crestada de desalento, e uns e outros acotovelando-se com seraphicos senhores da Igreja, pachorrentos e *pitadistas*, ou com creaturas d'aspecto macilento, desvastadas pela allucinação do remorso.

A penultima vez que a minha sensibilidade vibrou ao contacto da sua voz, foi na *Ceta dos Cardeaes*, de Julio Dantas. João Rosa pertencia ao D. Amélia, como Augusto Rosa e Brazão—historica trindade em que havia tres pessoas distinctas, como em todas as trindades, e uma verdadeira unidade de talento.

Elle era o cardeal Gonzaga, um cardeal velho e pacífico que parecia ter ficado ali, com dois irmãos na amizade e na purpura cardinalicia, entre pannos de Arrhas, baixellas de ouro e prata e em pleno seculo XVIII, esquecidos do tempo, na commovida recordação dos dias

da mocidade. João Rosa feriu com tão humano sentimento a evoca-



ção d'esses dias, que não seria nem mais sentido, nem mais humano um cardeal Gonzaga authenticum e profundamente artista, relembrando um antigo e honesto amor, confessando-o, a sós, no silêncio dos seus aposentos, ao Deus a quem se dedicou depois de lhe ter levado a noiva e a luz da felicidade.

Vi-o a ultima vez nos *Velhos*, de D. João da Camara. Pertencia-lhe o papel de prior, um senhor prior que tão bem estava no Alemtejo como em Traz-os-Montes, casamenteiro desiludido, que se celebrizou no nosso theatro como o rei sanguinario e desvairado do *Luiz XI*, o abbede Constantino, o D. João II, do drama historico de Lopes de Mendonça — *Duque de Viseu*.

João Rosa não se excedia n'essa nova transformação, mas moldava-a pelas de mais impressivo caracter da sua vasta galleria. Imprimia-lhe a naturalidade, a minucia delicada de traços locaes que nem o meio, nem a hereditariedade e a educação poderiam corrigir.

Eu conheci um prior, nos meus tempos de primeiras letras, que até no enghelhado fino do pergaminho do rosto, até no tremor cauteloso e acariciador do falar se parecia com o prior dos *Velhos*,—não se parecem menos dois indices eguaes do mesmo livro. Todas

as tardes, á saída da escola, lhe passava á porta. E ao passar era certo velo á janella, sentado, de solidéo negro e de luvas de la caseira, com a cabeça alva inclinada sobre as verdades do *Breviario*. Fitava-o com respeito e devoção—não fôsse chamar-me á ordem no proximo dia de missa—e pedia-lhe timidamente a benção, a mão aberta para a janella, como a querer recolhe-la ainda quente e bemfazeja da sua bocca e dos seus olhos que sorriam.

Como os que envelhecera e choram o passado ao encontrar-se imprevisadamente com um retrato dos vinte annos, regressando por instantes, atravez da memoria, á sadia claridade d'esses annos, ao vêr no palco do D. Amelia o senhor Prior, tive a illusão de que acabava de sahir da escola,

n'uma tarde macia e fresca de março, com os labios secos do ardor com que soletirára as letras do alphabeto, em côro, deante da severidade vigilante do senhor mestre. E só o relançar os olhos, n'um movimento instinctivo, pelos camarotes resplendentes de mil joias, a faiscar sobre colos brancos e entre sêdas coloridas que eu nunca tinha visto junto da casa parochial, impediu que eu bradasse de baixo, com a mão estendida e aberta:

—Senhor Prior... a sua benção...

SOUZA COSTA.



1—Uma das ultimas creações de João Rosa: o cardeal Gonzaga, da *Ceia dos Cardeaes*
2—O mais recente retrato de João Rosa

A COLONIA BALNEAR DO RECOLHIMENTO
DE S. PEDRO D'ALCANTARA



1—A casa que o recolhimento tem em Oeiras. 2—Cumprindo a tarefa de labores
3—As educandas de S. Pedro de Alcantara em Oeiras
4—O trabalho no jardim da quinta da Arriaga. 5—O sr. conselheiro Pereira de Miranda
examinando os trabalhos das educandas—(Clichés de MENOLLET.)

A Mulher do Lobo



Recentemente, os frequentadores do Bosque de Bologne, em Paris, viram com surpresa apparecer na avenida do Lago uma esbelta senhora que conduzia á trella um lobo. Uma creança de tres annos correu a afagar o animal. Foi um instante de panico. Mas o lobo, como o mais terno cão da Terra Nova, lambeu a mãosinha incauta que o amiegava. Então o espanto attingiu o cumulo, e soube-se que a *dama do lobo*, como logo a chrismaram, era a esposa do escultor russo Troubetzkoy. O lobo, que tem quatorze mezes, é completamente inoffensivo. A sua natureza selvagem apenas se manifesta no habito de estrançar-lhar todos os objectos de que se apodera. A original condessa de Troubetzkoy está presentemente creando um outro lobo destinado a uma amiga, e n'uma das photographias que publicamos se vê a familiaridade affectuosa com que a pequenina fera brinca no regaço da sua dona.



1—A condessa de Troubetzkoy, no jardim da sua casa da rua Weber, em Paris, brincando com os seus lobos

2—A condessa de Troubetzkoy passando no Bosque de Bologne com o seu lobo



A Hespanha celebrou ha quatro annos, com uma verdadeira festa nacional, o terceiro centenario do *Don Quijote*, publicado pela primeira vez em 1605, e a erudição cervantina aproveitou então o ensejo para apurar os passos da existencia accidentada do grande satyrico do seculo XVI e rever as opiniões criticas correntes sobre a sua obra mais afamada.

A vida de Miguel de Cervantes Saavedra era, na maior parte das suas biographias, um tecido de fabulas leviaenas. Em 1807 a 1902 Pérez Pastor editou, porém, dois volumes peçados de documentos, que constituem decerto uma collecção razoavelmente indigesta, mas que se torna indispensavel consultar para ter informações authenticas a respeito do poeta. A vida real do auctor do *Don Quijote* dispersa um curioso interesse pelos successos singulares que a agitam. Um desvelado cervantophilo escreve com flagrante motivo:

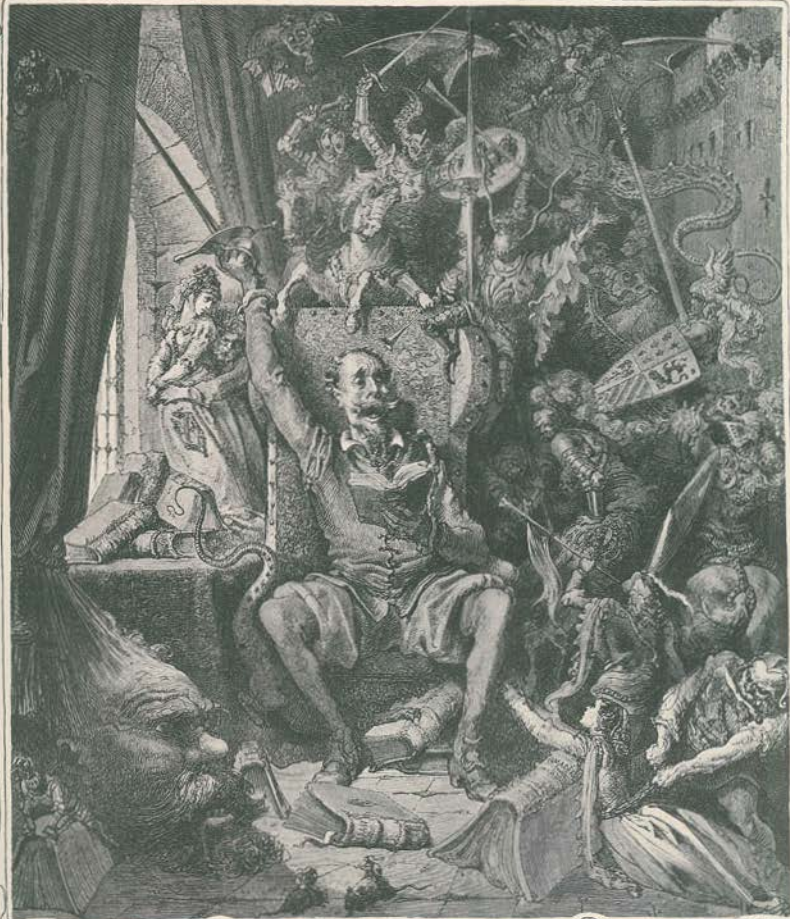
«No fundo, havia na natureza delicada d'este fidalgo instin-

ctos de aventureiro. Parecia-se com certos heroes das suas *Novelas ejemplares*, que correm o mundo pelo desejo de vêr terras e satisfazer os impetos do seu sangue ardente. Por muito ponderado que fôsse o seu juizo, conservou sempre um grão de loucura, de donquixotismo imaginativo, que nunca o deixou socegar, forçando-o constantemente a applicar a sua actividade a negocios e aventuras de que as suas obras são a historia exacta, commando naturalmente deformada pela refundição artistica.» Cervantes foi, effectivamente, uma especie de D. Quixote tambem.

Liquidada em favor de Alcalá de Henares a questão das sete cidades, que, como para Homero, se disputavam a honra de lhe ter sido patria, não deixa de prevaler ainda uma certa obscuridade sobre os annos da mocidade de Miguel de Cervantes. Ha elementos para conjecturar que elles foram turbulentos, e parece ter sido em resultado de uma rixa, em que feriu um seu contendor, que



— Placa collocada na casa em que esteve estabelecida a typographia onde se imprimiu a primeira edição de *Don Quijote*, inaugurada por occasião da celebração das festas do terceiro centenario da immortal obra prima de Miguel Cervantes de Saavedra. 2.—En-tête de Gustavo Doré para o segundo capitulo do *Don Quijote*



O famoso fidalgo Don Quijote de la Mancha passava noite e dia lendo livros de cavallaria, resultando que do pouco dormir e muito lér perdeu o juizo. Encheu-se-lhe a imaginação de quanto lia n'aquelles livros, quer de encantamentos, quer de pendencias, batalhas, desafios, feridas, requebros, amores, tormentas e disparates impossiveis. (Gravura de Gustavo Doré)

elle fugiria de Madrid, visto que fôra mandado prender e condemnado a exilio por dez annos e a ter a mão direita decepada. O certo é que em 1569 Cervantes estava em Italia ao serviço do cardeal legado Julio Acquaviva, que no anno anterior viera em missão a Hes-

panha. Mas, já no anno seguinte o poeta tinha sentado praça, e como soldado embarcou na armada de D. João de Austria, conforme é sabido. A parte militar da biographia de Miguel de Cervantes é, de resto, conhecida com mais ou menos veracidade, bem como os





Cervantes creou um vivo affecto á terra em que pelejára, affecto de que dá a cada inestante as provas mais singulares, como por exemplo no romance *Persiles e Sigismonda* em que faz de Lisboa e dos seus habitantes o mais rasgado elogio. Em Portugal teve, ao que se diz, amores, e aqui lhe nasceu uma filha natural, D. Isabel de Saavedra, que passou com elle toda a vida, mesmo depois de casada.»

Não ha duvida de que ainda muitos dão como cousa segura e certa que, depois de remido do captivoiro, Cervantes tornára ao serviço das armas, apesar de mutilado; e, fazendo parte do terço de Figueroa, fôra tambem na expedição ás ilhas. A maior parte das biographias do glorioso maneta de Lepanto affirmam a sua estada nos Açores — *the golden remote wild west where the sea without shore is*, como escreve o grande hispanophilo inglez Fitzmaurice-Kelly; e uma das mais lidas em Portugal, apesar de dever considerar-se prescripta, a de Viardot, vae mes-



factos e circumstancias do captivoiro de Argel. Depois do seu resgate é que, principalmente, formigam as incertezas e inexactidões nas versões usuaes. Pinheiro Chagas escreve, por exemplo:

«Estava então Filippe II em Portugal, o seu novo reino, que o duque d'Alba acabava de conquistar, depois de lh'o terem arrojado aos pés dos infortunios de D. Sebastião, imbecilidade do cardeal-rei, e a traição de muitos fidalgos portuguezes. Cervantes partiu tambem para Lisboa, não só para se approximar do rei, a quem pretendia requerer uma recompensa dos seus serviços, mas tambem para se alistar no seu antigo terço, que era o que Lopes de Figueiroa commandava, e que fazia parte do exercito do duque d'Alba. Com esse terço embarcou Cervantes a bordo da armada do marquez de Santa Cruz, que ia aniquillar nos Açores o ultimo baluarte da independencia portugueza. Assistiu á batalha naval de Villa Franca do Campo, em que definitivamente se perdeu a nossa nacionalidade, e, conquistados os Açores, voltou a Portugal, onde ainda se demorou algum tempo, e é lisongeiro para nós o sabermos que



1—A batalha de Don Quijote com os odres de vinho (Gravura da Bibliotheca de Madrid)
2—O vendeiro armando cavalleiro a Don Quijote (Gravura da Bibliotheca de Madrid)



mo mais longe, as-

severando gratuitamente que o poeta saiu de Lisboa para os Açores em tres successivas expedições. Ora Cervantes nunca foi ao archipelago, como já haviam notado os escriptores que se occuparam da conquista dos Açores. Cesáreo Fernandez Duro, descrevendo a batalha de Villa Franca, diz: «Algunos han creído que, como soldado del tercio de Figuera, iba en esta ocasión embarcado en el galeón *San Mateo* Miguel de Cervantes Saavedra: ningún fundamento escrito lo confirma, y fuera raro, habiendo sido testigo de tan grande acción, que no la sacara á plaza en alguna de sus novelas.» Quem teve no ataque de Angra, de 26 de julho de 1583, e até por signal se distinguui ahi, foi o irmão Rodrigo. De mais, a propria referencia do poeta ás «islas Terceiras», que se encontra na *Española inglesa*, revela bem que elle as não conhecia. O que é certo apenas é que Miguel de Cervantes esteve em Portugal, onde veiu requerer mercês de Philippe II. que começou por mandal-o em uma missão a



Oran em 1581. Mas

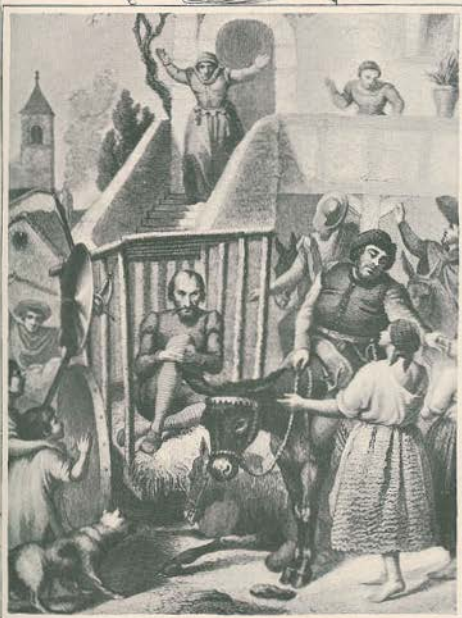
no outono de 1583

estava de regresso a Madrid, e a licença para a impressão da *Galatea* tem a data de 1 de fevereiro do anno seguinte.

A historia dos mysteriosos amores com uma alta dama portugueza, dos quaes resultára o nascimento da filha, é uma pura invenção. A mãe de D. Isabel Saavedra chamava-se Ana Franca ou de Rojas, e casou depois com um tal Alonso Rodriguez. Quando morreu, — teria 15 ou dezeseis annos, — esta, foi collocada como servente em casa da irmã mais nova de Cervantes, Magdalena. Como se vê, a exaltada nobreza da amante do poeta perde demasiado do seu brilho e relevo.

A tradição da miseria de Cervantes está hoje relegada igualmente aos dominios da phantasia. Sabe-se, de resto, que se trata de uma lenda geral, que os escriptores sentimentaes endossam a todos os homens de genio, como thema de commoção para os leitores.

Pela *Galatea*, cuja inferioridade artistica não soffre contestação, o livreiro pagou-lhe mais de cem ducados, o que, attendendo ao valor da moeda na epocha, representa uma somma im-



1—Uma das aventuras comicas de Sancho Pança

(Estampa da Bibliotheca de Madrid)

2—O regresso de Don Quijote da sua segunda expedição n'um carro de bois

(Gravura da Bibliotheca de Madrid)

portante, e desde 1587 foi commissario de viveres, occupando-se do aprovisionamento da Invencível Armada. Varios dos documentos colligidos por Pérez Pastor mostram que elle andava envolvido em varios negocios pecuniarios, e que emprestava até dinheiro, o que bem mostra a falsidade das rhetoricas allegações da sua pobreza.

Tal é, restituída á pormenorisação exacta das suas circumstancias fundamentaes, perante os modernos documentos publicados, a vida de D. Quichote de Lepanto, que, como ainda não deixou de notar até qualquer dos seus mais apaixonados admiradores, jámais se esqueceu de envaidecer-se, em algum ensejo propício que se lhe offerecesse, das suas campanhas de soldado. Claro é que passámos em claro todo o resto da vida de Cervantes que não offerece margem para discussão. Mas, agora, que chegou a altura de contar a historia do *Don Quijote*, do romance logo surgem novas duvidas, que ainda não estão de todo liquidadas.

Conforme a tradição, n'um intervalo de alguns annos proximoamente anteriores ao apparecimento da primeira parte da sua obra prima, Miguel de Cervantes teria estado preso na Mancha em Argamasilla de Alba, na casa de Medrano, e fôra ali que lhe acudira a idéa de escrever o *Don Quijote*, que effectivamente principiára. Tão inveterada se encontra a tradição que não são poucos os



Na primeira saída da sua terra o engenhoso fidalgo encontra uma venda, que toma por um castello e ao vendeiro pelo respectivo alcaide, e pede a este para o armar cavalleiro. N'esta estampa, Gustavo

Doré representa Don Quijote arrimado á sua lanca, com os olhos postos nas armas, que elle vêia em um pateo da venda



Encontro de Don Quijote com os mercadores toledanos, que o valeroso cavalleiro accommette com a lanca por se recusarem a confessar não haver em todo o mundo donzella mais formosa do que a nobre dama Dulcinea del Toboso. Um criado dos mercadores castiga a arrogancia do fidalgo da Mancha applicando-lhe, com a propria lanca, uma carga de páu. (Gravura de Gustavo Doré)

commentadores e biographos que se tem lembrado de descobrir uma referencia a Argamasilla nas palavras com que abre o primeiro capitulo do romance: «En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme...» Todos os cervantistas actuaes repudiam não só a lenda da prisão, como até qualquer probabilidade da estada do poeta na Mancha no periodo que decorre de 1599 a 1603.

Em todo o caso, as informações propriamente sobre a vida litteraria do escriptor são bastan-

te escassas e confusas, e pelo que toca á concepção e execução do *Don Quijote* bem pouco ou quasi nada se pôde apurar de seguro. O livro appareceu em 1604 ou 1605. Em 12 de abril d'este ultimo anno o auctor encarrega o seu editor, Francisco de Robles, de perseguir os contrafactores portuguezes. Se ainda não estava publicada, porém, a obra, o certo é que Lopo de Vega a conhecia já em 4 de agosto de 1604, data em que escrevia ao duque de Sessa, a respeito de poetas, que não havia *ninguno*

tan malo como Cervantes, ni tan necio que alabe al Don Quijote; e que Lopez de Ubeda, no mesmo mez, mencionava tambem *Don Quijote* nas sextilhas burlescas da sua *Picara Justina*. Segundo um escriptor hespanhol, em 1601 já Cervantes tinha dado ao famoso Agustin de Rojas uma capa inedita do romance, e um critico explica, com a maior apparencia de razão: «Ha n'este facto um phenomeno corrente do conhecimento de certas obras antes da sua publicação, de que a Hespanha está longe de ser o unico exemplo, e que deve a sua origem, em parte pelo menos, ao costume de leituras publicas ou particulares antes da impressão.»

Este ponto, essencialmente interessante, não pôde ser elucidado cabalmente com os elementos de que presentemente podemos dispor. A nossa curiosidade tem de ficar insatisfeita. E'-nos impossivel averiguar a genese do *Don Quijote*. Cervantes no seu prologo dirigido ao «desocupado lector» nada explica a tal respeito.

A intenção do auctor ao compôr a sua celebre satyra, essa, é que se torna facil apprehender. O D. Quixote de Lepanto, o soldado gabarola,

que em mais de uma occasião vemos empavonar-se com pennas alheias, pretendeu fazer a critica, n'uma parodia ridicula, das novellas de cavallaria, das historias do Amadis de Gaula, de von Belianis da Grecia, e de todos esses nobres e valentes cavalleiros que tanto apaixonaram, com os seus soberbos feitos e estranha audacia, as imaginações exaltadas de um periodo epico. Estavam bem passados os tempos da cavallaria, com todas as illusões da sua fina galhardia e do seu

louco arrojo. Aca-bava, havia pouco, de dar a prova d'isso, aqui mesmo na peninsula, esse ingenho e ardente Galaaz, que foi D. Sebastião. Mas, o genio hespanhol obstinava-se ainda com fervor na admiração dos heroes que tão intimamente faziam o seu encanto.

O que era mesmo *Don Quijote*?

Um fidalgo «de los de lanza en astillero, adarga antigua, rocín flaco y galgo corredor» que de tanto lêr os contos e romances de cavallaria chegou a convencer-se da sua realidade. «E met-teu-se-lhe de tal feiçto na cabeça que era verdade toda aquella phantasia das sonhadas invenções que lia, que para elle não havia outra historia mais certa no mundo... Por fim acudiu-lhe o mais extraordinario pensamento que jámais acudiu a qualquer louco no mundo, e foi que

engenhoso fidalgo, na choça dos cabreiros idade e seculos ditosos aquelles a raios... (Gravura de Gustavo Doré)

lhe pareceu conveniente, tanto para augmento da sua honra, como para proveito da sua terra, fazer-se cavalleiro andante, e ir pelo mundo fóra com as suas armas e cavallo a buscar aventuras e a exercitar-se em quanto havia lido que os cavalleiros andantes se exercitavam, desfazendo todo o genero de agravo, e procurando occasiões e perigos em que al-



A segunda expedição de D. Quijote: Oros, começa a sua famosa arenga: *Di-que os antigos puzeram o nome de dos-*



«c a cança
eterno re-
nome e fama.»

Eis o que era o cavalleiro da Triste Figura — o ultimo sobrevivente da geração gloriosa dos Palmeirins, um emulo extemporaneo de Reinaldo de Montalvão e de Bernardo del Carpio, aquelle que matou Roldão em Roncesvalles. E na sua doce obsessão o engenho fidalgo da Mancha acreditava sinceramente que

Nunca fuera caballero de damas tan bien servido, como fuera don Quijote cuando de su aldeia vino: doncellas curaban d'él, princesas de su rocino.

Tanto se exaltára no ideal da sua elevada missão dedes fazedor de aggravos e defensor de donzelas, esse pobre cavalleiro andante enamorado de Dona Dulcinea del Toboso, que chegou até a convencer o seu bom escudeiro Sancho Pança.

Elle foi, pois, a ultima flôr da cavallaria, e a sua figura escalavrada escarranha da sobre o tropego Rocinante, por mais que os desenhadores se tenham esforçado em caricatural-a, não deixa de sobreviver como a de uma bella personagem heroica. Nada mais acertado, assim, do que aquelle epitaphio que Cervantes lhe compoz:

Vace aquí el hidalgo fuerte, que á tanto extremo llegó de valiente, que se advierie que la muerte no triunfo de su vida con su muerte.

Tuvo a todo el mundo en poco; fé el espantajo y el coco del mundo en tal coyuntura, que acreditó su ventura, morir cuerdo y vivir loco.



1 — Don Quijote procura um escudeiro, nhar nas suas expedições de cavallaria. Tantas promessas lhe faz (Gravura de 2 — Um desenho de Gustavo Doré

e trata de convencer, para o acompanhar andante, o seu visinho Sancho que o labreste se decide a aceitar (Gravura de Gustavo Doré) para a abertura do Don Quijote



Pobre sonhador! Um dia suppõe-se encantado por Mambriño ou qualquer outro feiticeiro famoso. E o encanto unico da sua historia não é mais do que a sinceridade da sua lealdade cavalleiresca, só a fé na belleza do amor, symbolisado na dama imaginaria do seu pensamento apaixonado. Este, o Don Quijote do soneto de Gonçalves Crespo é, seguramente, o mais verdadeiro.

Quantas vezes se tem dito que elle, o bom Cavalleiro da Triste Figura, reproduz, no seu exagero satyrico, as qualidades mais caracteristicas de um povo meridional, em cujo sangue bacillavam ainda alguns globulos amouriscados!

Pois que seja. São nobilissimas, então, as qualidades d'esse povo, como são tambem as de Don Quijote. E porventura não deixará de ser motivo de vangloria para uma nação, ter a exornal-a as virtudes e qualidades do cavalleiro manchego. Nem sempre, mesmo, o que nos individuos se torna defeito ou vicio, o é por igual nas collectividades. E a prova é que foi, inegavelmente, com muitos impulsos e impetos de donquixotismo, — no bom sentido da palavra, não o esqueçamos, contudo, — que as duas nações peninsulares escreveram as paginas mais frementes de heroismo e nimbadas de gloria do seu periodo epico de aventuras e conquistas. Alma pura, leal e generosa como foi a de Don Quijote, não faz mal que a tomemos por copia ou modelo da alma dos hespanhoes.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

maia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel os mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado—Porto, Prado
Numero telephonic: Lisboa, 605—Porto, 117

CAPITAL	
Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação...	266.400\$000
Reis ..	950.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Ma-

Omnicolor

PHOTOGRAPHIA CORES
Societé JOUGLA

DISPONIVEL

Agencia de  VIAGENS

Ernst George

SUCCESSORES

VENDA DE BILHETES DE PASSAGEM EM VAPORES E CAMINHOS DE FERRO
PARA TODAS AS PARTES DO MUNDO
SEM AUGMENTO NOS PREÇOS. VIAGENS CIRCULATORIAS A PREÇOS REDUZIDOS
NA FRANÇA, ITALIA, SUISSA, ALLEMANHA, AUSTRIA, ETC.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotels.

Rua Bella da Rainha, 8—LISBOA

Viagens baratissimas
à TERRA SANTA

PARFUM
POMPEIA



L. T. PIVER
PARIS

Para encadernar a

Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em porcelaine de plantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Ilustração Portuguesa*
PREÇO 360 REIS

Enviam-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada caixa vae acompanhada do indice e frontispicios respectivos.
Administração do SECULO LISBOA

Princia
Nouveau Parfum
VIOLET
29, B^d des Italiens—PARIS

LOÇÃO DEQUEANT
CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
Único producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o espirulo da calvicio e todas as affecções do couro cabeludo.
L. DEQUEANT Pharmacien. 38 Rue Clignancourt Paris
Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas.
A' Venda em todas as boas casas do PORTUGAL.

Post Toasties
 SUBSTANCIOSA E AGRADAVEL REFEIÇÃO PARA SER TOMADA
 A QUALQUER HORA DO DIA
 Excelente para preparar rapidamente
 UMA DELICIOSA SOBREMESA
 A' venda em todas
 as mercearias

Preço 300 réis

Concurso de 1909

O SECULO

Organisou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores

EIS O PLANO DA IMPORTANTE DISTRIBUIÇÃO DE PREMIOS:

1 DE	5:000\$000	EM INSCRIPÇÕES
3 DE	2:500\$000
4 DE	500\$000
10 DE	200\$000
10 DE	100\$000
50 DE	20\$000	EM DINHEIRO
100 DE	10\$000
350 DE	5\$000

Esta distribuição deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

Além dos premios descriptos haverá mais

4:000 PREMIOS

REPRESENTADOS POR OBJECTOS DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA A GENTE

Aviso importante aos concorrentes do Brazil e colonias portuguezas. — Os concorrentes do ultramar e Brazil devem remetter as suas cadernetas de fórma a darem entrada na administração do *Seculo* de 1 a 13 de dezembro. Para isso é-lhes facultado o direito de poderem enviar as respectivas cadernetas, contendo apenas os coupons correspondentes aos jornaes publicados desde e incluzido do concurso até á data dos ultimos jornaes recebidos.

Mais outro pedaço de um **TUDO** que vos dara a felicidade futura. Collocae-o na vossa caderneta de coupons e teres alcançado meio caminho para a fortuna

